

BREVE
HISTÓRICO

2

2 - BREVE HISTÓRICO

2.1 - DIAMANTINA / BREVE HISTÓRICO

Tendo como referência o Pico do Itambé, diversas bandeiras atravessaram a região do Jequitinhonha em busca dos metais preciosos. Entre as serras de Santo Antônio e São Francisco havia um local formado pelo pequeno afluente do Rio Grande, o **Vale do Tijuco**, que se revelou como um excelente local para mineração do ouro.



Fonte: www.skyscrapercity.com

O pequeno arraial que acabou surgindo, por volta de 1713, com a bandeira de Jerônimo Gouvêa, no local conhecido como Burgalhau, não se diferenciava das centenas de povoados que surgiram no início do século XVIII, na Capitania das Minas. A população se dedicava à mineração do ouro.

Os primeiros **diamantes** que transformariam, radicalmente, a vida do arraial somente foram encontrados no período de 1719 a 1722.

Autoridades locais não noticiaram de imediato a fabulosa descoberta à Coroa Portuguesa. Quase 10 anos haviam se passado e, só após a insistência de alguns mineradores de participarem os achados, é que o Governador D.Lourenço de Almeida

fez o comunicado de que as preciosas pedrinhas tinham sido encontradas.

Passadas as celebrações, a resposta de Lisboa veio de imediato. A Coroa impôs as primeiras medidas de controle sobre a região dos diamantes, através de Regimento datado de 26 de junho de 1730. Com isso foi instituído a cobrança do quinto, o lançamento da capitação sobre cada escravo empregado na mineração diamantífera, a anulação das concessões de datas e a proibição da exploração do ouro da região, precauções essas que visavam garantir o poder real sobre a nova riqueza.



Fonte: www.skyscrapercity.com

Esse era o começo de uma administração totalmente inédita na colônia. **Em 1734, foi criada a Intendência dos Diamantes** que, com um regime próprio, altamente fiscalizador, rígido, arbitrário e repressivo, isolou a área do restante da capitania.

Na década de 40, inicia-se o Sistema de Contratos que vigorou até 1771. Foi o período de maior produtividade do Distrito. Em 31 anos, os números oficiais atingem a soma de 1.666.569 quilates. Em 1771, o Marquês de Pombal designa para o distrito um novo tipo de administração: a Real Extração. O diamante, a partir de então, seria explorado pela própria Coroa Portuguesa. Para isso, foi criada uma junta administrativa com poderes absolutos que tinha seus atos respaldados por um instrumento legal - **o Livro da Capa**

Verde. Este nome é devido ao regulamento ter sua encadernação em couro marroquino verde. O Livro da Capa Verde era tão abominado pela população Tijucana que, quando fundou a Real Extração, já no Segundo Império, o documento foi queimado em praça pública.



Fonte: www.cidadeshistoricasmg.com.br

Enquanto os arraiais da Capitania ganhavam título de Vila já na década de 10, dos setecentos, o **Distrito Diamantino** manteve-se como arraial só conseguindo o **título de Vila em 1831, passando a chamar-se Diamantina**. Nesse período, os intendentess já não eram tão poderosos e as lavras foram franqueadas. Mas, com a descoberta dos diamantes na África do Sul, em 1867, a decadência na mineração foi inevitável.

A segunda metade do século XIX trouxe novos desafios e novos rumos para Diamantina. A agricultura tornou-se importante e o comércio, que já se mostrava desenvolvido no século XVIII, devido ao isolamento do Arraial, teve um expressivo crescimento comparado até mesmo ao do Rio de Janeiro. **Diamantina passa a ser pólo comercial e centro de referência para todo o Jequitinhonha. Já havia, então, obtido o título de cidade em 1838.**

Dessa trajetória, nasceu um extraordinário patrimônio cultural que, merecidamente,

hoje é **Patrimônio Cultural da Humanidade**. Autêntica e excepcional tanto nos atrativos histórico-culturais e naturais quanto pelo seu povo.



Fonte: www.skyscrapercity.com

2.2 - UFVJM / BREVE HISTÓRICO

A Faculdade de Odontologia de Diamantina foi criada em 1953, pelo diamantinense Juscelino Kubitschek de Oliveira – então governador do Estado de Minas Gerais – através da Lei Estadual nº 990, de 30 de setembro de 1953.

Juscelino, uma vez eleito governador, preocupou-se em ajudar de alguma forma sua terra natal. Dentre alguns projetos, pensou numa escola de nível superior, e a idéia inicial foi criar um curso de Mineralogia, atendendo às características da região, essencialmente mineral. Foi quando o professor Pedro Paulo Penido, dentista e grande amigo do governador, na época reitor da Universidade de Minas Gerais, por indicação e apoio do próprio Juscelino, sugeriu a criação de uma Faculdade de Odontologia.

Surgiu, assim, a idéia de criar a Faculdade de Odontologia de Diamantina, que ia ao encontro de um dos objetivos da época: a interiorização do ensino superior. Naquela ocasião, havia faculdades de Odontologia apenas em Belo Horizonte, Juiz de Fora, Alfenas e Uberaba. A Faculdade de Diamantina veio para atender as necessidades de uma grande área, constituída, principalmente, pelo norte e nordeste do Estado.

Em maio de 1954, entrou em funcionamento o curso de Odontologia, com 15 alunos

matriculados no primeiro ano. Durante um determinado período do ano de 1954, o curso funcionou, provisoriamente, no prédio de um grupo escolar, sede da atual Escola Estadual Júlia Kubitschek. Como esta escola precisou ocupar seu espaço, houve a mudança do curso de Odontologia para a casa do “Sr. Neco Mota”.

Paralelamente a isso, foi construído o edifício-sede da Faculdade em terreno situado à Rua da Glória, num projeto de autoria do arquiteto Oscar Niemeyer, tendo sido inaugurado em 1955. Esse prédio possuía uma policlínica com 15 equipes instaladas e uma outra sala com cinco equipes para a prática de Ortodontia e de Odontopediatria. Os consultórios dentários eram os mais modernos para a época, existindo ainda um aparelho de raio-x, três salas para aulas teóricas e salas individuais para a prática das 12 disciplinas do curso. Além disso, foram projetadas salas para ocupação do setor administrativo.

O curso foi idealizado para ser ministrado em apenas três anos e a grande maioria do corpo docente era de Belo Horizonte. Os professores eram selecionados dentre os melhores profissionais da Odontologia da época, principalmente aqueles que eram bem-sucedidos em seus consultórios. Eles se deslocavam até Diamantina, semanalmente. Além de deixarem temporariamente suas famílias e seus consultórios, enfrentavam, muitas vezes, viagens penosas e desgastantes, notadamente porque a estrada de Pedro Leopoldo até Diamantina não era asfaltada.

Na ocasião, distinguiam-se dois grupos de docentes: os professores catedráticos e os professores assistentes. Os pertencentes ao primeiro grupo foram Gudestey Medeiros (que se tornou o primeiro diretor da Faculdade, de 1954 até 1956), Enyr Arcieri, Guilherme Armond, Rubens Guzella, Fausto de Paula Pinto, Walter José de Carvalho, Marciano Ribeiro Vianna, Roberto Rocha, Pedro Luiz Diniz Viana, Arnaldo Marques de Souza e José Severiano Brasil de Lima. Quanto ao grupo dos professores assistentes, dois deles também eram de Belo Horizonte, Silvio Lourenço Strambi e Osmir Luiz de Oliveira.

Os outros eram de Diamantina, sendo profissionais tão bons quanto aos demais:

Augusto César, José de Araújo Flecha, Evandro Souza Couto, Algemiro Duarte Neto, João Antônio Meira, José Aristeu de Andrade, João Antunes de Oliveira, Giovanni de Miranda Pereira e Dirceu Antônio dos Reis. O curso de Odontologia já diplomou, de 1956 até julho de 2009, 2.136 profissionais.

A Faculdade Federal de Odontologia de Diamantina (Fafeod) foi federalizada em 17 de dezembro de 1960, transformou-se em Faculdades Federais Integradas de Diamantina (Fafeid), em 04 de outubro de 2002. Em 06 de setembro de 2005 foi criada a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), através da Lei nº 11.173, de 06 de setembro de 2005, publicada no Diário Oficial da União em 8 de setembro do mesmo ano.

A mudança institucional, além de representar a redefinição da organização acadêmica, proporcionou reorientar os cursos oferecidos à grande diversidade cultural existente no Brasil e às novas características do mercado de trabalho, atendendo aos avanços e as novas tecnologias de produção.

Em 31 de julho de 2009, a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri possuía 460 servidores, sendo 272 professores e 188 técnicos administrativos. Era constituída de três campi: o Campus I e o Campus II (Campus Juscelino Kubitschek) localizados na cidade de Diamantina/MG, abrigando quatro faculdades e 21 cursos de graduação; e o Campus Avançado do Mucuri, localizado na cidade de Teófilo Otoni/MG, que abriga uma faculdade com nove cursos de graduação. A UFVJM oferece também cursos lato sensu e stricto sensu, além de projetos de pesquisa e extensão universitária. Conta ainda com dois campi de aplicação experimental da Faculdade de Ciências Agrárias, um na cidade do Serro e outro em Couto Magalhães de Minas